

# Motivação competitiva de “squashistas” juvenis federados

CDD. 20.ed. 796.011  
796.34

<http://dx.doi.org/10.1590/1807-55092014000300469>

Fernando Machado CECHIN\*  
Paulo Henrique Mellender EVANGELISTA\*  
Ricardo Pedrozo SALDANHA\*\*/\*\*  
Marcos Alencar Abaide BALBINOTTI\*\*\*\*  
Roberto Tierling KLERING\*  
Marcus Levi Lopes BARBOSA\*\*\*\*\*  
Carlos Adelar Abaide BALBINOTTI\*

\*Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
\*\*Centro Universitário La Salle.  
\*\*\*Faculdade Cenequista de Osório.  
\*\*\*\*Université du Québec à Trois-Rivières - Québec - Canada.  
\*\*\*\*\*Universidade FEEVALE.

## Resumo

A Motivação Competitiva (MC) é uma característica de personalidade fundamental no contexto dos esportes. Recentemente foi proposto um modelo de avaliação da MC chamado Modelo Tridimensional de Avaliação da Motivação Competitiva (MTAMC). Esse modelo supõe que a MC possui três orientações competitivas distintas: Orientação à Vitória (OV), Orientação à Performance (OP) e Orientação ao Status (OS). O objetivo da presente pesquisa foi explorar e comparar o perfil motivacional competitivo de 35 “squashistas” juvenis federados, de ambos os sexos e com idades entre 13 e 18 anos. Para tanto, essa amostra respondeu a Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE-18). Os dois principais resultados foram: 1) as orientações foram OP, OV e OS, nessa ordem, sendo que OP e OV é o único dos três pares analisados que não se diferencia estatisticamente; 2) a variável sexo não influenciou a intensidade das respostas em qualquer das três orientações testadas. Novos estudos devem explorar se na diferença não significativa encontrada entre OP e OV houve a influência do tamanho da amostra.

PALAVRAS-CHAVE: Competitividade; “Squash”; Motivação; Psicometria.

## Introdução

A Motivação Competitiva (MC) é uma característica de personalidade fundamental no contexto dos esportes, e no caso do “Squash” essa realidade não é diferente. Estudos atuais<sup>1-4</sup> destacam a motivação competitiva, ou simplesmente competitividade, como uma das seis fundamentais dimensões motivacionais (Controle de Estresse, Saúde, Sociabilidade, Competitividade, Estética e Prazer) para a prática regular de atividades esportivas. Segundo BALBINOTTI e BALBINOTTI<sup>5</sup>, a Competitividade é a dimensão que mais motiva os atletas infanto-juvenis, inclusive podendo estar associada às aspirações profissionais desses atletas. Entretanto, não se tem conhecimento de possíveis publicações onde tenham sido exploradas as orientações intrínsecas da motivação competitiva, possivelmente por se tratar de um modelo publicado muito recentemente (Modelo Tridimensional de Avaliação da Motivação Competitiva) por BALBINOTTI et al.<sup>6</sup>. É com base nessas observações, nas conclusões

que concernem à tridimensionalidade do constructo competitividade<sup>6</sup> e, ainda, na importante exclamação de MARQUES e OLIVEIRA<sup>7</sup> - não há esporte sem competição! - que se justifica a importância desse estudo.

O presente estudo visa explorar o perfil motivacional competitivo de atletas brasileiros de 13 a 18 anos, mais especificamente o objetivo consistiu em investigar as três orientações competitivas (Orientação à Vitória, Orientação à Performance e Orientação ao Status) de atletas de squash de clubes do Sul do Brasil.

Para que se possa responder adequadamente ao objetivo serão apresentadas, as estruturas gerais do “squash” e aspectos teóricos e empíricos relacionados ao constructo da competitividade.

### Estruturas gerais do “squash”

O “Squash” pode ser classificado como um esporte de raquete ou “de parede”. Não há oposição direta

entre os jogadores<sup>8-10</sup>. A quadra é fechada por quadro paredes e todas podem ser utilizadas, porém a parede frontal é a referência principal para a execução das jogadas<sup>8,11</sup>. Considerando o espaço relativamente restrito (70 m<sup>2</sup> individual ou 80 m<sup>2</sup> duplas) ocupado pelos jogadores e a velocidade que devem se movimentar<sup>12</sup> para obter o ponto<sup>13</sup>, pode-se inferir que a velocidade é uma das características fundamentais desse esporte; não esquecendo, obviamente, da alta exigência de habilidades técnicas que podem ser percebidas na execução alternada de ações táticas e tomadas rápidas de decisão<sup>14</sup>, pois estas também são características típicas dessa modalidade esportiva. Devido ao fato desse esporte “exigir” tais características (e mesmo outras), não é difícil imaginar que os atletas podem se motivar pela competição consigo mesmo (melhorar a própria performance), com o oponente (obter a vitória) e, ainda, obter reconhecimento social (ser reconhecido no meio social). E são precisamente esses aspectos que caracterizam a motivação competitiva<sup>6</sup>.

### **Aspectos teóricos relacionados à motivação competitiva**

No plano teórico, a motivação competitiva tem sido entendida como uma das características de personalidade típica de atletas, podendo ser claramente observada em situações de competições. Segundo WEINBERG e GOULD<sup>15</sup>, essa característica pode, inclusive, se referir à satisfação em competir e, até mesmo, o desejo de lutar pelo sucesso nas competições que esses atletas participam. Sendo assim, para esses mesmos autores, a motivação competitiva, ou simplesmente competitividade, pode ser orientada à vitória ou orientada a um determinado objetivo (sem, necessariamente, incluir a vitória nesse objetivo). Por um lado, as pessoas com orientação dirigida à vitória possuem um foco motivacional competitivo dirigido à comparação interpessoal, querem ser os melhores, vencer a todos. Por outro lado, as pessoas com orientação a um determinado objetivo possuem um foco

motivacional dirigido a padrões de desempenho pessoal, querem melhorar as suas marcas, melhorar suas habilidades<sup>15</sup>. Segundo BALBINOTTI et al.<sup>2</sup> é precisamente o nível dessas orientações que deve afetar a forma como o atleta percebe a situação competitiva. Portanto, parece essencial explorar em profundidade essas orientações, e foi exatamente esse o recente trabalho realizado por BALBINOTTI et al.<sup>6</sup>.

Com base nas reflexões de DASSA<sup>16</sup>, quando afirma que muitas das variáveis que integram a personalidade humana são construtos multidimensionais, e de DE ROSE JUNIOR e KORSAKAS<sup>17</sup>, que entendem que o construto competitividade deve ser avaliado considerando determinados aspectos precisos (confronto, disputa, resultado, avaliação, seleção, vitória, derrota, pressão, alegria e frustração), BALBINOTTI<sup>18</sup> elaborou um novo instrumento de avaliação da motivação competitiva, denominado *Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte* (EBMCE-18). Esse instrumento avalia, precisamente, três diferentes perspectivas gerais da competitividade: 1) como uma forma de manifestação de aspectos (positivos e negativos) relacionados a vitórias e derrotas; 2) com uma forma de busca do desenvolvimento e melhoria da performance pessoal; e, 3) como uma forma de obtenção de reconhecimento social, a partir do sucesso obtido nas disputas esportivas em geral ou no desenvolvimento da performance esportiva<sup>6</sup>. Sendo assim, e conforme os resultados desses autores, a proposição bidimensional das orientações à competitividade proposta por WEINBERG e GOULD<sup>15</sup> foi ampliada para três orientações relacionadas, mas com construtos independentes: Orientação à Vitória (OV), Orientação à Performance (OP) e Orientação ao Status (OS) (ver QUADRO 1). Portanto, ao se classificar um atleta como “competitivo”, deve-se, conforme as conclusões de BALBINOTTI et al.<sup>6</sup>, ter que especificar o perfil das orientações desse atleta, pois, como já mencionado, é precisamente o nível dessas orientações que deve afetar a forma como o atleta se comporta em situações competitivas<sup>2</sup>, interferindo, inclusive, no modelo de treinamento.

QUADRO 1 - Ilustrativo do modelo conceitual e de avaliação tridimensional da motivação competitiva.

	Orientação	Características
Motivação Competitiva	Vitória	Avalia em que nível as pessoas competem no esporte como forma de manifestação de aspectos relacionados ao vencer <sup>2</sup> , considerando as comparações interpessoais e a superação dos outros competidores como o foco desta orientação <sup>15</sup> , tendo também em vista a projeção para a vitória (“aconteça o que acontecer”), como objetivo de alcançar o máximo em termos individuais para superar os outros <sup>19</sup> .
	Performance	Avalia em que nível as pessoas competem no esporte como forma de manifestação dos aspectos relacionados ao desenvolvimento das habilidades pessoais <sup>6</sup> , considerando que os objetivos estão direcionados a superar os próprios limites <sup>20-21</sup> e são representados de forma objetiva ou subjetiva, focalizando-se, fundamentalmente, em padrões de desempenho pessoal <sup>15</sup> .
	“Status”	Avalia em que nível as pessoas competem no esporte visando ascender socialmente ou obter um maior retorno financeiro <sup>2</sup> , considerando, é claro, que os índices encontrados nesta dimensão sofrem grande influência do contexto social <sup>22</sup> . Tem-se, também, em vista a melhoria das condições sociais de um ponto de vista pessoal e familiar, espelhando-se em modelos de atletas bem sucedidos neste aspecto <sup>21</sup> . Podendo, finalmente, sentir a necessidade de integrar-se a um grupo, promovendo uma sensação de aceitação e maior autoestima <sup>2</sup> .

### Aspectos empíricos relacionados à motivação competitiva segundo as variáveis “Sexo” e “Idade”

No plano empírico, nota-se que o construto Motivação Competitiva (MC), ou simplesmente competitividade, tem sido testado sob o controle da variável “Sexo”. Por exemplo, em um estudo publicado recentemente, BALBINOTTI et al.<sup>6</sup> testaram a MC de um grupo de 635 adolescentes e adultos praticantes regulares de atividades físicas e esportivas e concluem que essa não se diferencia quando controlada a variável “Sexo”. Esses autores afirmam que, na realidade, seria um tanto surpreendente se um dos sexos se mostrasse mais competitivo que o outro, unicamente por ser um atleta homem ou mulher. Mas, em seguida indicam que seria uma falácia imaginar que não pudessem existir diferenças significativas quando fossem propriamente investigadas as dimensões constitutivas da MC, sugerindo ser um importante estudo a ser realizado.

Já BARBOSA<sup>23</sup> e JUCHEM<sup>24</sup> indicam que os jovens entre 13 e 14 anos apresentam índices de competitividade significativamente superiores em relação às suas companheiras de esporte. Conforme o estudo de JUCHEM<sup>24</sup>, com tenistas infanto-juvenis brasileiros, os índices médios de competitividade decrescem, independentemente do sexo, à medida que os tenistas avançam de categoria de idade. Deixando entender que, por um lado, o tipo de competitividade avaliado pelo IMPRAFE-126 (instrumento

utilizado por esse autor), fundamentalmente orientada à vitória, é mais característico dos mais jovens; e, por outro lado, na medida em que as categorias de idade avançam, outro tipo de competitividade deveria ser explorado, possivelmente aquele orientado à performance. Destaca-se que resultados idênticos foram encontrados por BALBINOTTI et al.<sup>2</sup>, com uma amostra de basquetebolistas infanto-juvenis.

No caso de alunos (clientes) de academias, acompanhados por uma “personal training”, BALBINOTTI e CAPOZZOLI<sup>25</sup> indicaram que, efetivamente, existem diferenças estatisticamente significativas na motivação competitiva, quando controlada a variável “Sexo”. Mesmo não sendo o tipo de motivação mais característico desses alunos, os autores interpretaram que a competitividade nesse contexto pode estar associada à força muscular, corroborando, inclusive, com as pesquisas de COHANE e POPE JUNIOR<sup>26</sup>, e de ROBERTSON e MUTRIE<sup>27</sup>, quando esses afirmam que os alunos masculinos de academias buscam, fundamentalmente, a performance muscular e força física. LORES et al.<sup>28</sup>, com uma amostra de universitários atletas, também concluíram que os índices de competitividade são significativamente mais elevados nos atletas masculinos que femininos, de acordo, portanto, com os resultados de BALBINOTTI e CAPOZZOLI<sup>25</sup>.

Infelizmente, não foram encontrados resultados publicados com a EBMCE-18 no contexto de esportes específicos (como no caso desse estudo) e, portanto, em nenhum desses estudos supracitados, foram exploradas ou comparadas as médias das três

orientações intrínsecas (OV, OP e OS) à variável “competitividade”; acredita-se que seja pelo fato do modelo e do instrumento ainda serem considerados muito recentes.

### Questões centrais dessa pesquisa

Considerando a importância desse traço de personalidade bem como a constatação de que a motivação competitiva não é de natureza unidimensional, o

presente estudo busca encontrar evidências que permitam discutir duas questões: Se há diferenças nos escores médios obtidos entre as três dimensões da competitividade que compõem a medida da EBMCE-18, independentemente do sexo dos atletas juvenis federados praticantes do “Squash”? E se há diferenças nos escores médios obtidos nas três dimensões da competitividade que compõem a medida da EBMCE-18, quando controlada a variável “Sexo” dos atletas juvenis federados praticantes do “Squash”?

## Método

### Procedimentos

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul analisou e aprovou o projeto sob o número de referência 2007720. Inicialmente, foram contatados a Confederação Brasileira de Squash (CBS) e os responsáveis pelos adolescentes com o propósito de obter o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), possibilitando a aplicação da “Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE-18)” nos atletas que se dispusessem. A seguir, e após a apresentação formal dos objetivos da pesquisa aos atletas disponíveis, todos foram convidados a participar do estudo. Deixou-se claro que a participação era livre, podendo o atleta desistir da participação em qualquer momento, presente e futuro, se assim o desejasse. Para tanto, disponibilizou-se um número de telefone do professor responsável dessa pesquisa, para que os mesmos pudessem requerer que seus resultados fossem excluídos das análises, se esse desejo se apresentasse. Com a concordância verbal acordada pediu-se que os atletas assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Somente após essas importantes formalidades iniciou-se a investigação. A aplicação do instrumento de pesquisa foi realizada em uma sala especial nos locais de competição, nos momentos em que os atletas julgassem mais pertinentes, que por solicitação dos próprios atletas aconteceram no contra turno do horário programado para os jogos.

### Sujeitos

A partir das observações de MAGUIRE e ROGERS<sup>29</sup>, no que concerne a dificuldade de constituição amostral de base aleatória para estudos em psicologia e educação, a escolha da amostra para esse estudo foi

por conveniência, ou seja, de natureza não aleatória. Sendo assim, essa foi composta, inicialmente, por 36 atletas juvenis de “squash”, de ambos os sexos (M = 18; F = 18) que participam regularmente de competições oficiais do calendário esportivo de federações regionais e/ou nacionais. Entretanto, um desses atletas respondeu o mesmo valor para todos os itens do instrumento, podendo-se interpretar que ele não entendeu a atividade requerida e, possivelmente, não se sentiu a vontade para perguntar e tirar suas dúvidas. Além disso, devido a essa falta de variabilidade de respostas, decidiu-se retirar esse caso da amostra final, portanto, considerou-se 35 atletas (M = 17; F = 18), com idades entre 13 e 18 anos ( $16,32 \pm 1,28$ ).

### Instrumentos

Nessa pesquisa foram utilizados dois instrumentos: o *Questionário de Identificação de Variáveis de Controle (QIVC)*<sup>6</sup>, sendo esse apenas para controle das variáveis “Sexo” (masculino ou feminino) e “Idade” (expressa em anos), e a *Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte (EBMCE-18)*. Essa última foi elaborada por BALBINOTTI<sup>18</sup> com o objetivo de se poder conhecer melhor a estrutura subjacente ou intrínseca do construto “Competitividade”, quando ligada aos níveis de *motivação de praticantes regulares de atividades físicas ou esportivas (PRAFE)*. Essa escala possui 18 questões formuladas positivamente. O somatório das respostas a estas questões indicam o nível da variável (ou construto) Competitividade em jovens e adultos PRAFE para cada uma das três dimensões conceitualmente postuladas: Orientação à Vitória (OV), Orientação à Performance (OP) e Orientação ao Status (OS) (ver QUADRO 1).

Para avaliar os comportamentos de resposta desses jovens, com relação à EBMCE-18, utiliza-se uma escala de tipo Likert, graduada em sete pontos, indo de “isso me motiva pouquíssimo a competir” (1) a “isso me motiva muitíssimo a competir” (7). O tempo de aplicação do instrumento varia entre sete e 15 minutos, devido a natureza simples das afirmações, incluindo as explicações iniciais. Um somatório elevado das respostas de “1” a “7” a uma ou outra das três orientações indica que o sujeito se motiva mais fortemente por situações competitivas associadas a tal orientação, revelando, por este viés, uma faceta de sua motivação competitiva, em um sentido mais direto, e de sua personalidade, em um sentido mais

amplo. Uma recente publicação<sup>6</sup> demonstrou diversos índices que confirmam a adequabilidade relativa à sua validade de construto, pelos viéses das análises fatoriais exploratórias (saturando em três fatores puros que avaliam as três dimensões teoricamente postuladas e que explicam cerca de 54% da variância total do construto) e confirmatórias (GFI = 0,928; AGFI = 0,937;  $\chi^2/\text{gl} = 1,29$ ; RMS = 0,053); e, também, a sua consistência interna, pelos viéses dos cálculos alfa de Cronbach ( $0,79 < \alpha < 0,91$ ), dos coeficientes Spearman-Brown corrigido ( $0,83 < \text{S-BC} < 0,91$ ) e do ponto biserial de Guttman ( $0,84 < \phi < 0,91$ ). Sendo assim, e considerando esses viéses, trata-se de um instrumento válido e fidedigno para uso no Brasil.

## Resultados e discussão

Visando responder adequadamente as questões centrais dessa pesquisa, procedeu-se à exploração dos escores obtidos pela EBMCE-18<sup>18</sup>, segundo princípios métricos comumente aceitos na literatura especializada<sup>16,30-37</sup>. Caminho feito segue de forma sucessiva e sistemática, os resultados das análises de aderência à normalidade dos dados, das análises dos itens, das estatísticas descritivas gerais e, finalmente, das comparações das médias em estudo.

### Análises de aderência à normalidade dos dados

A normalidade dos dados foi demonstrada por gráficos característicos (ver QUADRO 2) e determinada por quatro viéses importantes para a análise de aderência à normalidade da distribuição dos dados disponíveis<sup>37-38</sup>: 1) a proximidade relativa dos resultados (portanto, logicamente equivalentes) explorados por três medidas de tendência central ( $\bar{x} : \Leftrightarrow \tilde{x} : \Leftrightarrow M_o$ ) para cada uma das dimensões em estudo (quando controladas, ou não, pela variável “Sexo”) (ver TABELA 1 e 2 para resultados detalhados); 2) a divisão do resultado do cálculo da assimetria por seu erro padrão dentro dos limites adequados ( $-2,56 \leq A_s/EP_{A_s} \leq 2,56$ ) (ver TABELAS 1 e 2 para resultados detalhados); 3) a divisão do resultado do cálculo da curtose por seu erro padrão dentro dos limites adequados ( $-2,56 \leq C/EP_C \leq 2,56$ ) (ver TABELA 1 e 2 para resultados detalhados); e, finalmente, 4) os resultados de significância do teste Kolmogorov-Smirnov ( $p > 0,05$ ), para amostras superiores a 30 casos, quando

corrigido pela técnica de Lilliefors, e do teste Shapiro-Wilk ( $p > 0,05$ ), para amostras inferiores a 30 casos por dimensão em análise (ver TABELAS 1 e 2 para resultados detalhados).

Conforme as disposições gráficas apresentadas no QUADRO 2 (curvas semelhantes à uma distribuição normal; pontos observados muito próximos da reta dos valores esperados; e, finalmente, a ausência de casos aberrantes) e os resultados apresentados nas TABELAS 1 e 2, nota-se que não existem problemas importantes ou mesmo significativos ( $p < 0,05$ ) de aderência à normalidade nos dados pesquisados. O conjunto desses resultados garante o uso de instrumentais paramétricos de medida e de análise dos dados.

### Análise dos itens

Destaca-se que as médias encontradas para cada um dos 18 itens, quando estudados isoladamente, variaram entre 2,33 e 5,75; com desvios-padrão associados variando entre 0,75 a 2,37. Esses resultados indicam que não houve tendência negativa ou positiva de comportamento de resposta da motivação competitiva dos squashistas juvenis testados. Portanto, interpretam-se esses resultados preliminares como sendo satisfatórios, pois não houve aderência predominante a nenhum dos itens isolados, ou seja, itens com médias muito próximas ou semelhantes aos valores extremos (1 ou 7), o que poderia indicar ausência de variabilidade de respostas no item em questão - condição que poderia impedir o prosseguimento das análises. Destaca-se, então, que as variâncias obtidas ( $0,56 \leq s^2 \leq 5,62$ ) indicam uma

adequada homogeneidade na dispersão avaliada para cada um dos itens, isoladamente.

Já a média encontrada para o instrumento total (somatório dos 18 itens) foi de 79,25 com um desvio-padrão associado de 16,68. Posto que o intervalo total esperado era de 18 a 126 pontos (com média esperada de 72 pontos) e o observado foi de 53 a 101 (com um intervalo interquartil de 28,75 pontos), observam-se valores relativamente próximos entre as médias esperada e observada. Um teste t para uma amostra permitiu concluir que essa diferença nas médias ( $D_{\bar{x}} = 7,25$ ) não é estatisticamente significativa ( $t_{(34)} = 1,505$ ;  $p = 0,161$ ). Mesmo que a média calculada das correlações item-total ( $\bar{r}_r = 0,27$ ) possa ser interpretada como satisfatória, pois

não indica problemas gerais associados à bicolinearidade dos dados em análise<sup>39</sup>, 25 correlações (das 162) revelaram valores inferiores a  $r = 0,10$ . Estes últimos dados poderiam indicar certa necessidade de revisão das qualidades métricas destes itens, quando considerados isoladamente. Entretanto, comparando-se os índices Alpha, que variaram de 0,85 a 0,88, para os itens retirados, com o coeficiente Alpha para a escala total (0,88), sem a exclusão de nenhum item, verificou-se que esse procedimento torna-se desnecessário e improdutivo, podendo, inclusive, causar perda na validade de conteúdo<sup>40</sup>, principalmente quanto à pertinência e a adequada exploração de todas as arestas - significados - do conceito em questão.

QUADRO 2 - Demonstração gráfica da aderência à normalidade dos dados em estudo.

Orientações	Histograma com representação gráfica da curva normal	Gráfico Q-Q com apresentação da relação entre valores esperados e observados	Gráficos de Bigodes com demonstração da não existência de casos aberrantes
Orientação à Vitória			
Orientação à Performance			
Orientação ao Status			

**Estatísticas descritivas gerais**

As TABELAS 1 e 2 apresentam resultados de diversas estatísticas descritivas. O primeiro aspecto que vale a pena ser destacado é que as médias calculadas parecem representar adequadamente as respostas gerais dos atletas testados, pois os resultados dos desvios-padrão não ultrapassam

a metade dos valores numerais das médias. No mais, pode-se destacar que os resultados médios encontrados para a dimensão OP são os mais elevados, independentemente de ter sido ou não controlada a variável “Sexo” (ver TABELA 1). Parece que os atletas juvenis testados apresentam uma maior média de motivação competitiva como forma de manifestação dos aspectos relacionados ao desenvolvimento de

suas próprias habilidades pessoais. Tais resultados vão ao encontro das observações de JUCHEM<sup>24</sup> e de BALBINOTTI et al.<sup>2</sup> quando supõem que outros tipos de competitividade poderiam estar influenciando na diminuição significativa dos resultados dessa variável com o avanço das idades. Possivelmente, a OV diminua na mesma proporção que a OP aumenta de intensidade.

Outro aspecto interessante que a análise dessas tabelas nos permite levantar é que os atletas testados, independente de ter sido ou não controlada a variável “Sexo”, apresentam médias bem inferiores na OS, indicando que eles não competem nesse

esporte visando, de maneira fundamental, ascender socialmente. Pode-se dizer que essa realidade não é a mesma de outros esportes, como por exemplo, o Futebol. BENITES et al.<sup>41</sup>, em suas reflexões a respeito da carreira de futebolista profissional, indicam que a busca pelo profissionalismo decorre, precisamente, da apreciação e do “status” social que esse irá proporcionar, assim como a perspectiva de rentabilidade financeira. E essa conclusão não é única desses autores, outros<sup>42-43</sup> compartilham dessa mesma opinião.

A fim de explorar se essas médias são significativamente diferentes entre si, comparação estatísticas foram realizadas.

TABELA 1 - Estatísticas de tendência central, de dispersão e de distribuição das orientações das motivações competitivas (n = 35), sem o controle da variável “Sexo”.

	Estatísticas descritivas											
	Tendência central			Dispersão		Distribuição						
	$\chi^a$	$\chi^b$	$M_o^c$	$s^d$	M-M <sup>e</sup>	Normalidade		Assimetria		Achatamento		
					K-S <sup>f</sup>	p	As <sup>g</sup>	EPAs <sup>h</sup>	C <sup>i</sup>	EPC <sup>j</sup>		
OV	29,42	32,0	34	7,51	09-41	0,229	0,082	0,17	0,64	1,65	1,23	
OP	33,33	32,5	30	4,58	20-42	0,184	0,466	0,34	0,64	1,27	1,23	
OS	16,49	15,0	16	7,45	06-30	0,144	0,548	0,51	0,64	0,84	1,23	

<sup>a</sup> = Média;  
<sup>b</sup> = Mediana;  
<sup>c</sup> = Moda;  
<sup>d</sup> = Desvio-Padrão;  
<sup>e</sup> = Mínimo-Máximo;  
<sup>f</sup> = Kolmogorov-Smirnov;  
<sup>g</sup> = Assimetria;  
<sup>h</sup> = Erro-Padrão da Assimetria;  
<sup>i</sup> = Curtose;  
<sup>j</sup> = Erro-Padrão da Curtose.

TABELA 2 - Estatísticas de tendência central, de dispersão e de distribuição das motivações competitivas (n = 35), controladas pela variável “Sexo”.

	Estatísticas descritivas											
	Tendência central			Dispersão		Distribuição						
	$\chi^a$	$\chi^b$	$M_o^c$	$s^d$	M-M <sup>e</sup>	Normalidade		Assimetria		Achatamento		
					K-S <sup>f</sup>	p	As <sup>g</sup>	EPAs <sup>h</sup>	C <sup>i</sup>	EPC <sup>j</sup>		
OV <sub>M</sub>	31,21	34	24	6,10	09-40	0,848	0,190	1,04	0,91	0,42	2,01	
OV <sub>F</sub>	28,14	30	26	8,61	10-41	0,847	0,119	0,13	0,79	2,44	1,59	
OP <sub>M</sub>	34,01	32	32	4,85	20-41	0,862	0,235	0,86	0,91	1,19	2,01	
OP <sub>F</sub>	32,85	33	33	4,71	21-42	0,919	0,464	0,14	0,79	1,82	1,59	
OS <sub>M</sub>	17,01	16	16	6,93	07-30	0,920	0,529	0,37	0,91	2,09	2,01	
OS <sub>F</sub>	16,14	16	16	8,34	06-29	0,950	0,732	0,72	0,79	0,28	1,59	

<sup>a</sup> = Média;  
<sup>b</sup> = Mediana;  
<sup>c</sup> = Moda;  
<sup>d</sup> = Desvio-Padrão;  
<sup>e</sup> = Mínimo-Máximo;  
<sup>f</sup> = Kolmogorov-Smirnov;  
<sup>g</sup> = Assimetria;  
<sup>h</sup> = Erro-Padrão da Assimetria;  
<sup>i</sup> = Curtose;  
<sup>j</sup> = Erro-Padrão da Curtose.

### Comparações das médias

Para que se possa responder adequadamente a primeira questão central dessa pesquisa (há diferenças significativas nos escores médios obtidos entre as três dimensões da competitividade, independentemente do sexo dos atletas juvenis federados praticantes do “Squash?”), conduziu-se uma ANOVA de fator único para medidas repetidas<sup>44</sup>, sendo que o fator geral e

único é a “competitividade” e as variáveis dependentes são os escores nas três orientações medidas. Teve-se, ainda, o cuidado de explorar dois outros importantes pré-requisitos (além daqueles referentes à aderência à normalidade da distribuição) para a utilização e interpretação adequada dessa análise: 1) testou-se a hipótese da matriz de covariância residual ser estatisticamente igual à matriz de identidade com ajuda do teste de esfericidade de Bartlett ( $\chi^2_B = 13,91$ ;

$p < 0,05$ ); 2) testou-se a hipótese das diferenças dos escores serem normalmente distribuídas ( $1,58 \leq K-S \leq 2,09$ ;  $p > 0,05$ ) e afirma-se que a diferença dos escores é independente para cada indivíduo, pois não existem testes com resultados iguais. Tendo em vista esses cuidados nos procedimentos, conduziram-se as análises em três etapas: 1) efetuou-se uma análise de variância para se determinar se existe, ao menos, uma diferença estatisticamente significativa entre as médias calculadas; 2) efetuou-se uma série de comparações pareadas das diferenças calculadas para se determinar, precisamente, quais os pares de médias que se diferenciam estatisticamente; e, finalmente, 3) efetuou-se uma análise de contrastes polinomiais para se determinar se há um efeito linear significativo entre as médias das orientações em estudo.

Os resultados da primeira etapa dessa análise, pelos vieses dos testes Lambda de Wilk ( $W_{\Lambda} = 0,089$ ), Trace de Pillai ( $P_{\Gamma} = 0,911$ ) e de Hotelling ( $H_{\Gamma} = 10,295$ ), e o teste da Raiz de Roy ( $R_{\gamma} = 10,295$ ), indicaram um efeito significativo ( $F_{(2,33)} = 51,473$ ;  $p < 0,001$ ;  $\eta_p^2 = 0,911$ ) entre as médias das orientações calculadas. Mas para que se possa saber entre qual

(ou quais) par (ou pares) de médias, efetuou-se uma segunda etapa, ou seja, uma série de testes t para amostras pareadas. Dos três pares testados, conforme apresentado na TABELA 3, o único par que não se diferencia significativamente é o primeiro, aquele entre as orientações à vitória e à performance. Pois, após a correção do nível de significância ( $\alpha = 0,05 \div 3 = 0,0167$ ) em função do número de comparações efetuadas, conforme o procedimento sequencial de Bonferroni, adaptado por Holm<sup>39</sup> - que tem objetivo diminuir a probabilidade de incidência do Erro Tipo I (assumir como estatisticamente significativa uma diferença que, na realidade, não o é) - não se pode assumir essa diferença como estatisticamente significativa sem correr o risco de incorrer no Erro Tipo I. Mas, destaca-se que o nível de significância encontrado (0,047) é relativamente próximo ao limite de significância assumido ( $p < 0,0167$ ) e, portanto, sugere-se que novos estudos, com amostras maiores, possam explorar novamente essas diferenças com o intuito de se tomar conhecimento se esse nível de significância encontrado sofreu uma possível influência das condições amostrais desse estudo.

TABELA 3 - Estatísticas descritivas das diferenças e comparações entre as médias (n =35), não controladas pela variável "Sexo".

Pares	Comparações pareadas	Estatísticas descritivas das diferenças entre as médias		Teste t para amostras pareadas		
		$D\bar{x}$	Ds	t	gl	p <
Par 1	OV vs. OP	3,92	6,96	1,949	34	0,047
Par 2	OV vs. OS	12,92	5,02	8,918	34	0,001
Par 3	OP vs. OS	16,83	6,85	8,517	34	0,001

A terceira etapa dessa mesma análise, a etapa dos contrastes polinomiais para medidas repetidas pelo viés do teste L de contrastes intra-sujeitos de Levene, apresentou resultados ( $F_{L(1,34)} = 79,529$ ;  $p < 0,01$ ;  $\eta_p^2 = 0,878$ ) que podem ser interpretados de forma positiva, no sentido de indicarem a existência de um aumento linear estatisticamente significativo ( $p < 0,05$ ) de intensidade de motivação competitiva desses atletas, partindo da orientação ao "status" (índice menos elevado) para chegar à orientação à performance (índice mais elevado). Deve-se destacar mais uma vez que a diferença das médias entre as orientações OV e OP não é estatisticamente significativa (ver TABELA 3), portanto é necessário levar esse aspecto em consideração.

Esse conjunto de resultados, principalmente aqueles que respondem mais diretamente a primeira questão dessa pesquisa, corroboram, ao

menos em parte, com as observações de ROBBINS<sup>45</sup> e BOWDITCH<sup>46</sup>, quando afirmam que as orientações competitivas (vitória, performance e "status" social) estão relacionadas às noções de poder, no sentido de exercer influência sobre outras pessoas, uma das dimensões postuladas pela Teoria das Necessidades Socialmente Adquiridas (TNSA), elaborada por McCLELLAND<sup>47</sup>. Nesse sentido, pode-se interpretar que os "Squashistas" testados manifestam suas motivações competitivas pelo viés do "poder", querendo expressá-lo via submissão do outro, ou seja, visando melhorar suas performances para ganhar dos outros. Isso se dá de maneira estatisticamente indissociável. Assim, a melhora na performance e a vitória sobre os outros são manifestações de poder significativamente mais motivadoras que a obtenção de um "status" social e reconhecimento financeiro, ao menos nessa categoria (Juvenis) e nesse esporte



(“Squash”), em estudo. De acordo com MARQUES<sup>48</sup>, a orientação à performance e à vitória é normalmente mais incidente em relação a orientação ao status, pois principalmente “a vitória é uma natural aspiração dos jovens desportistas” (p.82).

Para que se possa responder adequadamente a segunda questão central dessa pesquisa (há diferenças significativas nos escores médios obtidos entre as três dimensões da competitividade, quando controlada a variável “Sexo” dos atletas juvenis federados praticantes do “Squash”?) conduziu-se uma ANOVA de um caminho para medidas independentes<sup>44</sup>. Teve-se, ainda, o cuidado de explorar outro importante pré-requisito (que não fora testado anteriormente) para a utilização e interpretação adequada dessa análise: 1) testou-se a hipótese da homogeneidade da variância para os três grupos de orientações competitivas pelo viés do teste  $F$  de Levene e seus resultados ( $F_{OV(1,33)} = 2,738$ ;  $p > 0,05$ ;  $F_{OP(1,33)} = 0,011$ ;  $p > 0,05$ ;  $F_{OS(1,33)} = 0,131$ ;  $p > 0,05$ ) não deixam dúvidas: tratam-se de orientações com variâncias homogêneas. Sendo assim, e considerando a adequabilidade dos outros pré-requisitos já testados, pode-se interpretar os resultados dessa última análise realizada ( $F_{OV(1,33)} = 0,459$ ;  $p > 0,05$ ;  $F_{OP(1,33)} = 0,168$ ;  $p > 0,05$ ;  $F_{OS(1,33)} = 0,035$ ;  $p > 0,05$ ), diga-se, não há diferenças significativas entre as médias das orientações, quando controladas pela variável “Sexo”. Esses resultados nos permitem concluir que o fato de pertencer ao sexo masculino ou feminino não influencia a expressão da motivação competitiva, ao menos aquelas medidas pela EBMCE-18, e independente da orientação em análise.

Esse conjunto de resultados, principalmente aqueles que respondem mais diretamente a segunda questão dessa pesquisa, corroboram, ao menos em parte, com as observações de OLIVEIRA<sup>49</sup> a respeito das competições, as diferenças dos sexos e os hormônios. Mais precisamente, conforme essa autora, não se pode falar de motivação competitiva, em atletas homens e mulheres, sem falar de hormônios. Essa autora afirma que, no caso dos homens, já é sabido que os níveis de testosterona aumentam por antecipação a uma competição esportiva, mantendo-se elevados nos vencedores e decrescendo para níveis basais nos derrotados. Com base nessas observações, essa autora pesquisou, entre outros aspectos, os níveis de testosterona de jogadoras de duas equipes de futebol feminino, que disputariam a final do Campeonato Nacional de Futebol Feminino Português. Os resultados não foram diferentes, houve um aumento significativo maior nos níveis de testosterona pré e durante o jogo, contrariamente aos da equipe

derrotada que sofreram um decréscimo significativo após os jogos. Sendo assim, a autora conclui que, de forma geral, esses (e outros) resultados demonstram que há uma resposta psicofisiológica semelhante entre homens e mulheres em situação de competição, portanto, não existe uma razão cabal que justifique diferenças significativas entre os sexos quando testados os níveis de motivação competitiva e suas orientações intrínsecas.

A Motivação Competitiva (MC), ou simplesmente competitividade, e o esporte tem sido entendido como conceitos completamente interligados, até mesmo indissociáveis. Portanto, parece de fundamental importância explorar/utilizar um instrumento especificamente construído para a sua medida. Esse estudo teve por objetivo central (pelo viés das minuciosas respostas às duas questões centrais), explorar e comparar o perfil motivacional competitivo de 35 “squashistas” juvenis federados, de ambos os sexos e com idades entre 13 e 18 anos; que, para tanto, responderam a *Escala Balbinotti de Motivos à Competitividade no Esporte* (EBMCE-18), que avalia três orientações distintas e intrínsecas da motivação competitiva: Orientação à Vitória (OV), Orientação à Performance (OP) e Orientação ao Status (OS). A MC é uma característica da personalidade humana, que pode ser tipicamente encontrada em atletas, mas, é claro, que não unicamente. A psicologia do esporte, pelo viés da psicometria, é particularmente interessada em entender as dimensões intrínsecas dos aspectos da personalidade humana, principalmente aqueles ligados ao esporte. Sendo assim, pode-se dizer que a competitividade é uma característica que pode interessar a várias ciências, particularmente, as do movimento humano e as psicológicas.

Os resultados encontrados permitem dizer que, no caso do “Squash”, a competitividade pode estar associada às importantes características típicas desse esporte: habilidades técnicas e velocidade de ação decisional e de movimentos, através da execução alternada de ações táticas. Sendo assim, não se deve interpretar essa característica de personalidade como se ela fosse de natureza unidimensional. Dizer que um atleta é simplesmente “bastante competitivo” (ou “pouco competitivo”), pode-se estar reduzindo a qualidade dessa interpretação, ou seja, pode-se estar perdendo as nuances importantes e intrínsecas à competitividade. A partir dos resultados desse estudo, parece que é mais adequado interpretar qual o tipo de MC, ou qual o perfil de MC, que é mais característico desse atleta, ou mesmo de

uma determinada categoria de atletas, que no caso do “squash” poderia ser dividida em atletas “Juvenis”, “Adultos”, “Profissionais” e “Masters”. Dessa forma, e com base nos resultados observados das médias gerais (sem o controle da variável “Sexo”), os “Squashistas” juvenis federados testados nessa pesquisa se caracterizam como atletas que visam, inicialmente, melhorar suas performances gerais (suas habilidades, suas velocidades, suas ações táticas), para, quem sabe, num determinado momento futuro (recente ou não), se perceberem melhores que os outros e visarem, em um segundo momento, mais fundamentalmente ganhar competições. Mas, destaca-se que, essa observação é baseada apenas nos valores médios obtidos, pois não se pode fazer essa afirmação quando se considera unicamente as probabilidades estatísticas calculadas; embora não se possa deixar de salientar que o nível de significância encontrado não se afasta enormemente do limite inicialmente determinado. Portanto, deve-se interpretar que essa pequena diferença pode ter sido influenciada (em maior ou menor grau) pela amostra em questão. E nesse sentido, novos estudos devem ser conduzidos para esclarecer melhor essa situação, pois, em última análise, as médias foram, em termos numerais, maiores para a dimensão OP. Outra possível conclusão decorrente desses mesmos

resultados indica que os atletas pesquisados queiram realmente melhorar suas performances gerais, mas com a mesma forma e intensidade estatística. Além disso, é possível que eles também queiram ganhar dos outros competidores, afinal como indica MATVEEV<sup>19</sup>, o objetivo do atleta deve ser o de alcançar o máximo em termos individuais para superar os outros. E nesse sentido, essas duas valências podem ser efetivamente indiferenciadas, ao menos para esse esporte e para essa categoria. Assim, outros estudos, com outros esportes (considerando as diversas categorias), poderão esclarecer melhor esse ponto; pois conforme as observações de WEINBERG e GOULD<sup>15</sup> e das conclusões de BALBINOTTI et al.<sup>6</sup>, trata-se de dois aspectos intrínsecos e independentes da competitividade. Finalmente, conclui-se que o fato de pertencer a um ou outro dos sexos não influencia a manifestação de resposta à EBMCE-18. Isso, com relação a qualquer das três orientações avaliadas.

A maior limitação dessa pesquisa seja a não possibilidade de generalização dos resultados obtidos; afinal de contas, os dados foram coletados com base em procedimentos não aleatórios para a composição da amostra. Novos estudos com diferentes amostras, de diferentes esportes e de diferentes categorias, devem ser conduzidos para que se possa aprofundar mais as nuances importantes relacionadas à MC e sua medida.

## Abstract

The competitive motivation of youth federated squash players: an exploratory and comparative study

The Competitive Motivation (MC) is a fundamental personality trait in the context of sports. Recently, a new model for assessing the MC called Three-dimensional Model of Competitive Motivation Assessment (TMCMA) was proposed. This model assumes that the MC has three distinct competitive orientations: to win (OV), to perform (OP), and to obtain status (OS). The purpose of this research is to explore and compare the competitive motivational profile of 35 youth federated squash players, of both genders, and aged between 13 to 18 years old. Therefore, this sample answered to the Balbinotti's Scale of Competitive Motivation in Sport (BSCMS-18). The two main results were: 1) the orientations emerged as OP, OV, and OS, in this order, being OP and OV the only one of three analyzed pairs that is statistically non-significant; 2) the gender variable does not significantly influence the intensity of the answers in any of the three orientations tested. Further studies should explore whether the statistically non-significant mean difference found between OP and OV was influenced by the sample size.

KEY WORDS: Competitiveness; Squash; Motivation; Psychometrics.

## Referências

1. Balbinotti AAM. Inventário de motivação a pratica regular de atividade física (IMPRAFE-126): 2ª versão. Porto Alegre: Laboratório de Psicologia do Esporte, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2004.
2. Balbinotti MAA, Saldanha RP, Balbinotti CAA. Dimensões motivacionais de basquetebolistas infanto-juvenis: um estudo segundo o sexo. *Motriz*. 2009;15:318-29.
3. Barbosa MLL, Balbinotti CAA, Gonzalez RH, Balbinotti MAA, Ferreira AO. A motivação à prática de atividade física regular relacionada à competitividade em adolescentes do sexo feminino. *Coleç Pesqui Educ Fís*. 2008;7:109-14.
4. Gonzalez RH, Barbosa LL, Balbinotti CAA, Ferreira AO, Balbinotti MAA. A motivação à prática de atividade física regular relacionada à Competitividade em adolescentes do sexo masculino. *Coleç Pesqui Educ Fís*. 2008;7:59-66.
5. Balbinotti MAA, Balbinotti CAA. Motivação e perspectiva futura no tênis infanto-juvenil. *Rev Bras Psicol Esporte*. 2008;2:1-20.
6. Balbinotti MAA, Barbosa MLL, Saldanha RP, Balbinotti CAA. Estudos fatoriais e de consistência interna da escala Balbinotti de motivos à competitividade no esporte. *Motriz*. 2011;17:318-27.
7. Marques AT, Oliveira JM. O treino dos jovens desportistas: atualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. *Rev Port Ci Desporto*. 2001;1:130-7.
8. Truby Junior O. *The science and strategy of squash*. New York: Congress Cataloging; 1975.
9. Robinson I. *Skilful squash*. London: A & C Black; 1990.
10. Moreno JH. *Fundamentos del deporte: análisis de las estructuras del juego deportivo*. Barcelona: INDE; 2005.
11. Squash Rackets Association. *Know the game*. London: A & C Black; 1995.
12. Beddington J. *Squash: técnica y tácticas*. Barcelona: Hispano Europea; 1986.
13. Bompá TO. *Periodização: teoria e metodologia do treinamento*. São Paulo: Phorte; 2002.
14. Aburachid LMC, Soares VOV, Greco PJ. Análise das ações técnicas e finalizações no torneio dos campeões profissionais de squash em Nova York, 2005. *Lect Educ Fís Deportes*. 2009;14. Disponible em: <http://www.efdeportes.com/efd136/analise-das-aco-es-tecnicas-em-squash.htm>.
15. Weinberg R, Gould D. *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 2a ed. Porto Alegre: Artmed; 2006.
16. Dassa C. *Analyse multidimensionnelle exploratoire et confirmative*. Montréal: Université Montréal; 1999.
17. De Rose D, Korsakas P. O processo de competição e o ensino do desporto. In: Tani G, Bento JO, Petersen RD, organizadores. *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2006. p.251-61.
18. Balbinotti MAA. Inventário de motivos para a prática regular de atividades físicas e esportivas (IMPRAF-132): 3ª versão. Montréal: Service d'Intervention et de Recherche en Orientation et Psychologie; 2010.
19. Matveev LP. *Teoría general del entrenamiento deportivo*. Barcelona: Paidotribo; 2001.
20. Martens R, Vellely R, Burton D. *Competitive anxiety in sport*. New York: Human Kinetics; 1990.
21. De Rose Junior D. Esporte, competição e estresse: implicações na infância e na adolescência. In: De Rose Junior D, organizador. *Esporte e atividade física na infância e na adolescência*. Porto Alegre: Artmed; 2009. p.103-14.
22. Proni MW. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa [tese]*. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física; 1998.
23. Barbosa MLL. *Propriedades métricas do inventário de motivação à prática regular de atividades físicas [dissertação]*. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física; 2006.
24. Juchem L. *Motivação à prática regular de atividades físicas: um estudo sobre tenistas brasileiros infanto-juvenis. [dissertação]*. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física; 2006.
25. Balbinotti MAA, Capozzoli CJ. *Motivação à prática regular de atividade física: um estudo exploratório com praticantes em academias de ginástica*. *Rev Bras Educ Fís Esporte*. 2008;22:63-80.
26. Cohane G, Pope Junior H. Body image in boys: a review of the literature. *Int J Eat Disord*. 2001;29:373-9.
27. Robertson J, Mutrie N. Factors in adherence to exercise. *Phys Educ Rev*. 1989;12:138-46.
28. Lores A, Murcia J, Sanmartín M, Camacho Á. *Motivos de práctica físico-desportiva según la edad y el género en una muestra de universitarios*. *Apunts*. 2004;76:13-21.
29. Maguire T, Rogers W. Proposed solutions for non randomness in educational research. *Can J Educ*. 1989;14:170-81.
30. Bisquera R. *Introducción a la estadística aplicada a la investigación educativa: un enfoque informático con los paquetes BMDP y SPSS*. Barcelona: PPU; 1987.
31. Vallerand M. Ver une méthodologie de validation transculturelle des questionnaires psychologiques: implications pour la recherche em langue française. *Can Psychol*. 1989;30:662-80.

32. Trudel R, Antonius R. Méthodes quantitatives appliquées aux sciences humaines. Montréal: Les Éditions de la Chenelière; 1991.
33. Angers M. Initiation pratique à la méthodologie des sciences humaines. Montréal: Les Editions de La Chenelière; 1992.
34. Bryman A, Cramer D. Quantitative data analysis with SPSS release 8 for Windows: a guide for social scientists. New York: Routledge; 1999.
35. Sirkin RM. Statistics for the social sciences. London: Sage; 1999.
36. Reis E. Estatística descritiva. Lisboa: Sílabo; 2000.
37. Pestana MH, Gageiro JG. Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS. Lisboa: Sílabo; 2003.
38. Field A. Descobrimo a estatística utilizando o SPSS. 2a ed. São Paulo: Artmed; 2009.
39. Tabachnick B, Fidell L. Using multivariate statistics. 6th ed. Portland: Green Earth; 2012.
40. Balbinotti MAA. Para se avaliar o que se espera: reflexões a cerca da validade dos testes psicológicos. Rev Aletheia. 2005;21:43-52.
41. Benites LC, Barbieri FA, Souza Neto S. O futebol: questões e reflexões a respeito dessa profissão. Pensar Prát. 2007;10:51-67.
42. Lawson H. Invitation to physical education. Champaign: Human Kinetics; 1984.
43. Sebreli J. La era del fútbol. Buenos Aires: Debolsillo; 2005.
44. Green S, Salking N. Using SPSS for Windows and Macintosh: Analyzing and understanding data. 5th ed. New York: Pearson International; 2008.
45. Robbins SP. Motivação no trabalho e recompensas. In: Robbins S. Administração: mudanças e perspectivas. São Paulo: Saraiva; 2002. p.35-47.
46. Bowditch JL. Motivação. In: Bowditch JL. Elementos do comportamento organizacional. São Paulo: Pioneira; 1992. p.39-61.
47. McClelland DC. Toward a theory of motive acquisition. Am Psychol. 1965;20:321-33.
48. Marques AT. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de educação e formação. In: Gaya A, Marques AT, Tani G, organizadores. Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades. Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2004. p.75-96.
49. Oliveira TSF. A testosterona e a competição em mulheres [dissertação]. Lisboa (PT): Universidade de Lisboa, Instituto Superior de Psicologia Aplicada; 2005.

ENDEREÇO

Fernando Machado Cechin  
R. Áustria, 219  
92022-070 - Canoas - RS - BRASIL  
e-mail: fernandocechin@gmail.com

Recebido para publicação: 09/04/2012

1a. Revisão: 05/11/2012

2a. Revisão: 20/06/2013

Aceito: 09/06/2014